
Psicoterapia grupal: benefícios dessa assistência aos usuários e a instituição
Group psychotherapy: benefits of this assistance to the users and institution

HELENICE BARREIROS ORPHEU¹
VÂNIA MORENO²

RESUMO: Trata-se de uma investigação que utilizou como estratégia metodológica a revisão sistemática. Foi realizado um levantamento bibliográfico na base de dados da Scientific Eletronic Library Online. Seis artigos foram selecionados a partir da questão que permeou o estudo, qual seja, conhecer a contribuição das investigações científicas publicadas nos periódicos nacionais no período de 2007 a 2012 sobre a psicoterapia grupal. A partir da análise de dados emergiram duas categorias: marcos referenciais e a psicoterapia grupal na prática clínica e nos serviços de saúde.

Palavras-chave: psicoterapia grupal, serviços de saúde, prática clínica.

ABSTRACT: The present study is about an investigation that used as methodological strategy the systematic review. A literature review was carried out in the database of the Scientific Electronic Library Online. Six articles, on Group Psychotherapy, were selected to evaluate the contribution of scientific research published in national periodicals during the period 2007 to 2012. From the data analysis, two categories emerged: Benchmarks and Group Psychotherapy in Clinic and Health Services.

Key-words: Group Psychotherapy, Health Services, Clinic

INTRODUÇÃO

A Psicoterapia Grupal é um processo de mudar o discurso “problemático” por outro mais fluído que permita à pessoa se relacionar

¹Aluna do Curso de Especialização em Saúde Mental. UNINGÁ. Rua Coronel José Vitoriano Vilas Boas, nº 50. Centro. CEP. 18600-130, Botucatu-SP, e-mail: heleniceorpheu@hotmail.com

²Professora, Orientadora, Doutorado em Enfermagem pela Universidade de São Paulo, Brasil (2001) RDIDP da Faculdade de Medicina de Botucatu.

melhor consigo mesma, na sua vida, bem como com outras pessoas. Assim, a mudança é compreendida como um processo em que as pessoas passam a utilizar narrativas preferíveis sobre si mesmas e suas vidas (LAX, 1998)

O foco interacional é o motor da psicoterapia de grupo e, acima das teorias e técnicas do terapeuta, suas atitudes de escuta, interesse, aceitação e empatia com o paciente enfatizam também a necessidade de desfazer a autoimagem negativa deste (YALOM, 2006).

Os referenciais teóricos-técnicos são a psicanálise, o psicodrama, a dinâmica de grupos ou os grupos operativos e terapia familiar sistêmica. Segundo Yalom (2006), as abordagens cognitivo-comportamental, psicoeducacional, interpessoal e Gestalt de apoio expressivo são também usadas na terapia de grupo.

Bion a partir do conceito de supostos básicos (dependência, luta - fuga, acasalamento), trouxe as contribuições mais significativas ao delineamento de uma teoria psicanalítica dos grupos, se destacando na segunda metade dos anos de 1940 (OSÓRIO, 2007).

Kurt Lewin considera a dinâmica de grupo como um dos pilares das terapias grupais e acrescenta que os fenômenos grupais só se tornam inteligíveis ao observador que consente em participar da vivência grupal. Lewin observou também que a integração no interior de um grupo só se dará quando as relações interpessoais estiverem baseadas na autenticidade de suas comunicações e que essa autenticidade é uma atitude passível de aprendizado no e pelo próprio grupo (OSÓRIO, 2007).

Segundo Barenblitt (1982), na história das técnicas grupais ocorreu a seguinte evolução na forma de tratamento: primeiro houve a **psicoterapia pelo grupo**, no qual se utilizavam técnicas de sugestão e identificação para alcançar os objetos desejados; em seguida, a **psicoterapia no grupo**, na qual o terapeuta ou analista tratava individualmente cada membro na presença dos demais, e, por último, a **psicoterapia do grupo**, em que o inconsciente grupal aparece tal como uma unidade, com seus fantasmas e ansiedades.

Define-se a psicoterapia do grupo, no qual as falas são dirigidas ao grupo e este responde, gerando elaborações e associações e permitindo ao terapeuta indagar as questões grupais e assim poder trabalhar as questões individuais com o amparo da mediação grupal. Ocorre, então, a emergência do desejo, através da fantasia que é encaminhada ao social. O laço social consente que o outro entre em cena e questione as falas do sujeito através do grupo (BAREMBLITT, 1982).

O trabalho em grupo dentro da realidade dos CAPS e dos ambulatorios, tem-se uma dinâmica parecida, na qual, muitas vezes, o psicoterapeuta é chamado a atuar em grupo operativo (costura, artesanato, etc.) e ali precisa recolher as falas que não se apresentam como demanda constituída e trabalhar com este material, possibilitando, através da escuta analítica, o surgimento de elaborações e ressignificações. Fica claro que a atuação do terapeuta na instituição não se pode reduzir à pura reprodução de suas ações em seu consultório privado (RINALDI, 1999).

Ainda dentro da instituição, Figueiredo (2004) relata a importância das reuniões de área, pois os diferentes campos de conhecimento tendem a traçar explicações para os fenômenos clínicos, sendo esse o momento para debater e trocar informações sobre os pacientes e o andamento dos trabalhos. É através do vínculo com os profissionais da instituição (lugar que o acolhe), que a transferência e a contratransferência pode emergir.

Há outros elementos que participam dessa relação transfero-contratransferencial a ser citados: além do analista, do paciente e do inconsciente, entra em jogo a figura da instituição, com suas demandas próprias e suas regras, que precisam ser respeitadas, a família do paciente, que normalmente é quem o induz a procurar algum tipo de tratamento, criando uma demanda que é suposta exatamente por ser derivada não do próprio sujeito, mas daqueles que com ele convivem e a vinculação desse mesmo sujeito à instituição como lugar que o acolhe de maneira diferenciada (FIGUEIREDO, 2004).

A psicoterapia grupal é uma técnica destinada a toda e qualquer pessoa que pretende expandir sua autoconsciência, e não apenas as suas considerações doentes (BECHELLI; SANTOS, 2001).

Segundo Knobel (1992) este procedimento pode beneficiar todo aquele que deseja aprofundar o conhecimento de si mesmo, a partir do contato interpessoal.

A motivação para a mudança é um componente prognóstico fundamental e o paciente é o agente da própria mudança, sendo assim eles próprios passam a assumir o papel ativo no decorrer do processo (KNOBEL, 1992).

Os fatores expectativa e esperança têm influência tão importante quanto a técnica no processo de mudança. Ocorre um estágio de desenvolvimento denominado diferenciação, no decorrer da terapia de grupo, caracterizado pela polarização, onde os participantes enfatizam seus próprios conceitos de vida. No processo de reflexão, os pacientes

têm oportunidade de descobrir em si próprios semelhanças de emoções, reações ou comportamentos que haviam antes criticado no outro (LAMBERT, 1992).

Ainda segundo Lambert (1992) no grupo, quatro papéis sociais se destacam entre os participantes: o **sociável**, o **estrutural**, o **acautelador** e o **divergente**.

O clima do grupo favorece os seguintes fatores terapêuticos: universalidade, aprendizado por intermédio do outro; interpessoal (feedback), autorrevelação, instilação de esperança, e etc., são mecanismos que potencializam o processo de elaboração das mudanças psíquicas (CORSINI; ROSEMBERG, 1995).

O papel do terapeuta e o seu uso do self, deve se concentrar em duas questões fundamentais: a transferência e a transparência (YALOM, 2006).

Logo, em uma transferência analítica, o psicoterapeuta atua como caixa de ressonância, “relançador de sentido” e não como “a máquina de traduzir” (COSTA, 1989).

No final, a habilidade adquirida em suportar diferenças e sentimentos conflitantes acaba representando o amadurecimento desenvolvido entre os membros o que é fundamental para um encontro grupal (LAMBERT, 1992).

O objetivo desta investigação é conhecer as produções científicas nacionais sobre psicoterapia grupal no período dos cinco últimos anos.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Para o desenvolvimento deste estudo fez-se uso dos pressupostos da revisão sistemática da literatura, pois o seu desenvolvimento consiste na possibilidade de conhecer os artigos que tem sido produzido sobre a psicoterapia grupal.

Para a realização da presente revisão seis etapas foram percorridas: estabelecimento do problema de revisão; seleção da amostra; categorização dos estudos; análise dos resultados; apresentação e discussão dos resultados; e por fim, apresentação da revisão.

Estabeleceu-se o seguinte questionamento: Qual a contribuição das investigações científicas publicadas nos periódicos, durante o período de 2007 a 2012 sobre a psicoterapia grupal?

Para identificar os estudos publicados sobre psicoterapia grupal foi efetuado uma busca on-line nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO) no sítio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados estudos publicados nacionalmente, e

indexados na base de dados acima referida, durante os anos 2007 a 2012. Estes foram organizados em pastas individualizadas para cada agrupamento de temáticas.

Utilizou-se os seguintes descritores de assunto nos campos de busca das bases de dados: psicoterapia de grupo e psicoterapia grupal. Essa busca se deu no decorrer do mês de junho de 2013.

Por meio dessa consulta se identificou que no universo de 28 artigos, 22 não se relacionavam a temática estudada, seis artigos foram analisados.

A análise dos dados buscou atingir os objetivos e o exame minucioso permitiu elaborar duas categorias: marco referencias e a psicoterapia grupal na prática clínica e nos serviços de saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentando os artigos

Todos os artigos foram publicados em revistas de psicologia, quanto a procedência dos autores apenas um artigo os autores eram da região Centro-Oeste os demais eram da região Sudeste.

1. Marco referencial

Nesta categoria três artigos trazem a questão teórica da psicoterapia grupal.

No primeiro artigo, os autores através de uma revisão de literatura apontam para a tendência em relação as publicações sobre a temática e indicam que os autores dos trabalhos investigados apresentam abordagem a adultos através de relatos de experiência tendo com principal referencial a psicanálise na psicoterapia individual. Nas modalidades grupais predominam o grupo operativo e o grupo de suporte mútuo (BATISTA; VECCHIA, 2011).

No segundo artigo, a autora revê as produções teóricas de Silvia Lane e sua contribuição na formulação da concepção da análise do processo grupal. A autora do artigo ressalta que Silvia Lane traz para a discussão o caráter histórico e dialético do grupo quanto o denomina de processo grupal (MARTINS, 2007).

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o próprio grupo é uma experiência histórica, “que se constrói num determinado espaço e tempo, fruto das relações que vão ocorrendo no cotidiano e, ao mesmo tempo, que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade, expressas nas contradições que emergem no grupo, na sua singularidade, expressa múltiplas determinações e as contradições presentes na sociedade contemporânea” (MARTINS, 2007).

O terceiro artigo reflete a questão da psicanálise na vertente teórica e ética de Lacan antes realizada em *setting* tradicional e na atualidade se expande para outros contextos em busca de novas práticas principalmente no atendimento grupal da Atenção Psicossocial no âmbito da Saúde Coletiva.

Os autores apresentam uma vivência grupal e indicam que não é uma terapia individual em grupo, mas uma terapia através do grupo e, portanto se supõe a própria construção do grupo e as suas mudanças (PRATTA, COSTA-ROSA, 2011).

2. A psicoterapia grupal na prática clínica e nos serviços de saúde.

Na prática clínica um estudo de caso orientado na perspectiva construcionista social e utilizando os pressupostos da terapia narrativa aponta que uma pessoa em atendimento de terapia em grupo e através da narrativa de sua história pode refletir sobre as possibilidades de autonomia e independência (CARRIJO; RASERA, 2010).

Os autores ainda indicam que o terapeuta assume “uma postura de engajamento na narrativa das pessoas atendidas de forma a valorizar e se interessar pelos conhecimentos e sentidos à medida que são criados e vivenciados pelas pessoas em suas conversas; isto é, o saber profissional deve ser uma ferramenta por meio da qual o terapeuta cria com as pessoas que atende novas possibilidades tanto para suas vidas quanto para o saber-fazer do profissional” (CARRIJO; RASERA, 2010)

Um artigo reflete sobre os desafios da psicoterapia psicanalítica em uma instituição pública, notadamente dentro de um Centro de Atenção Psicossocial e os autores finalizam seu artigo apontando que: “em termos práticos, a psicanálise não tem intenção, ou sequer se acha capaz, de devolver a sanidade mental a qualquer paciente que seja, nem tampouco torná-lo cidadão – este último entendido como o emblema da normalidade na sociedade atual. A psicanálise não se propõe a ocupar o lugar de agente de *ordem*, de instrumento de manutenção do *status quo*. Sua proposta é dar ao sujeito condições para que ele consiga encarar de maneira diferente da atual sua existência e sua relação com o próprio desejo. Esse suporte não suprime o trabalho de inclusão, pois o campo conjunto da cidadania e da clínica só pode ser construído de modo complementar (CAMPOS; ROSA; CAMPOS, 2010).

Um artigo traz a reflexão sobre a necessidade de capacitação para o trabalho grupal com agentes comunitários, sobre a demanda da população que busca o serviço. Entendendo que este processo de fazer com que o profissional tenha uma outra forma de escuta, em relação às necessidades advindas dos usuários dos serviços. O aprendizado deste

treinamento de capacitação, provocou a sensibilidade em perceber outros regimes de verdade, outros saberes e outra constituição de subjetividade. Fez dar lugar a uma força propulsora aliada a uma política de saúde da população e com efeito de transformação social (SANTOS; CASTRO, 2011).

REFLEXÃO

Esta investigação buscou conhecer a produção científica sobre psicoterapia grupal nos últimos cinco anos em periódicos nacionais.

Partiu-se dos artigos que refletiam sobre os marcos conceituais do processo grupal e analisou-se artigos que revelavam as facilidades e dificuldades de implementar a prática da psicoterapia grupal nos diversos cenários de atenção.

Para Nietzsche (2001) não existe saúde em si, pois a saúde depende dos objetivos, dos horizontes de cada um, das suas forças, dos seus ideais, dos limites. O dogma de que todos os homens são iguais determina conseqüentemente a noção de saúde igual para todos. A saúde de cada um depende de um modelo universal de saúde, mas depende do modo como cada um pode, deseja ou precisa participar do social. Há muitos modos de saúde, muitos modos de participação, vários os exercícios de saúde que são um atributo-assevera, a generosidade ímpar de Nietzsche (2001), também dos infelizes, dos que não fazem parte da norma, das formas dissidentes de viver. Esses tem seu direito ao seu raio de sol, tem direito à sua existência.

REFERÊNCIAS

BATISTA, H.O.; BORGES U.V.; VECCHIA M.D. Os grupos na produção de conhecimento na psicologia: uma revisão de literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n 2, p. 379-90, 2011.

BAREMBLITT, G. **Grupos**: teoria e técnica. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

BECHELLI, L.P.C.; SANTOS, M.A. Psicoterapia de grupo e considerações sobre o paciente como agente da própria mudança. **Rev Latino-Am Enfermagem**. Ribeirão Preto; v.10, n.3, p.383-91, May/June 2002.

BECHELLI, L.P.C.; SANTOS, M.A. **Psicoterapia de grupo**: noções básicas. Ribeirão Preto: Legis Summa, 2001.

CAMPOS, D.T.F.; ROSA, C.M.; CAMPOS, P.H.F. A confusão de línguas e os desafios da psicanálise de grupo em instituição. **Psicologia, Ciência e Profissão**. v.30, n.3, p. 504-23, 2010.

CARRIJO, R.S.; RASERA, E.F. Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro; v.22, n.1, p. 125-40, 2010.

CORSINI, R.J.; ROSEMBERG, R. **Mechanisms of group psychotherapy**: processes and dynamics. J Abnorm Soc psychol, 1955.

COSTA, J.F. **Psicanálise e contexto cultural**: imaginário psicanalítico, grupo e psicoterapias. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

FIGUEIREDO, A.C. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo; v.7, n.1, p. 74-86, 2004.

KNOBEL, M. **Orientação Familiar**. Campinas: Papyrus; 1992

LAMBERT, M.J. Psychotherapy outcome research implication for integrative and eclectic therapists. In: NORCRON F.C., GOLDFIELD M.R. organizadores. **Handbook of psychotherapy integration**. New York: Basic Books, 1992.

LAX, W.D. O pensamento pós-moderno na prática clínica. In: MCNAEE, S.; GERGEN, K.J. **A terapia como construção social** (pp.86-105). Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MARTINS, S.T.F. Psicologia Social e Processo Grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Sílvia Lane. **Psicologia & Sociedade** v.19, Edição Especial 2: p. 76-80, 2007.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

OSÓRIO, L.C. **Grupoterapias**: abordagens atuais. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PRATTA, N.; ROSA-COSTA A. O grupo psicoterapêutico e interpretação na abordagem lacanianiana: reflexão e redefinição de possibilidades e modos de atendimento na Saúde Coletiva. **Rev Latinoamericana Psicopatologia. Fundamentos**. São Paulo; v. 14, n.4, p. 672-689

RINALDI, D.L. **Clínica e política: a direção do tratamento psicanalítico no campo da saúde mental**. 1999. Recuperado em 12 de março de 2008, de www.intersecaopsicanalitica.com.br

SANTOS, A.O.; CASTRO, E.O. Demanda por grupos psicologia e controle. **Psicologia & Sociedade**, v.23, n.2, p. 325-331, 2011.

YALOM, I.D. **Psicoterapia de grupo**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Enviado em: setembro de 2013.

Revisado e Aceito: outubro de 2013.